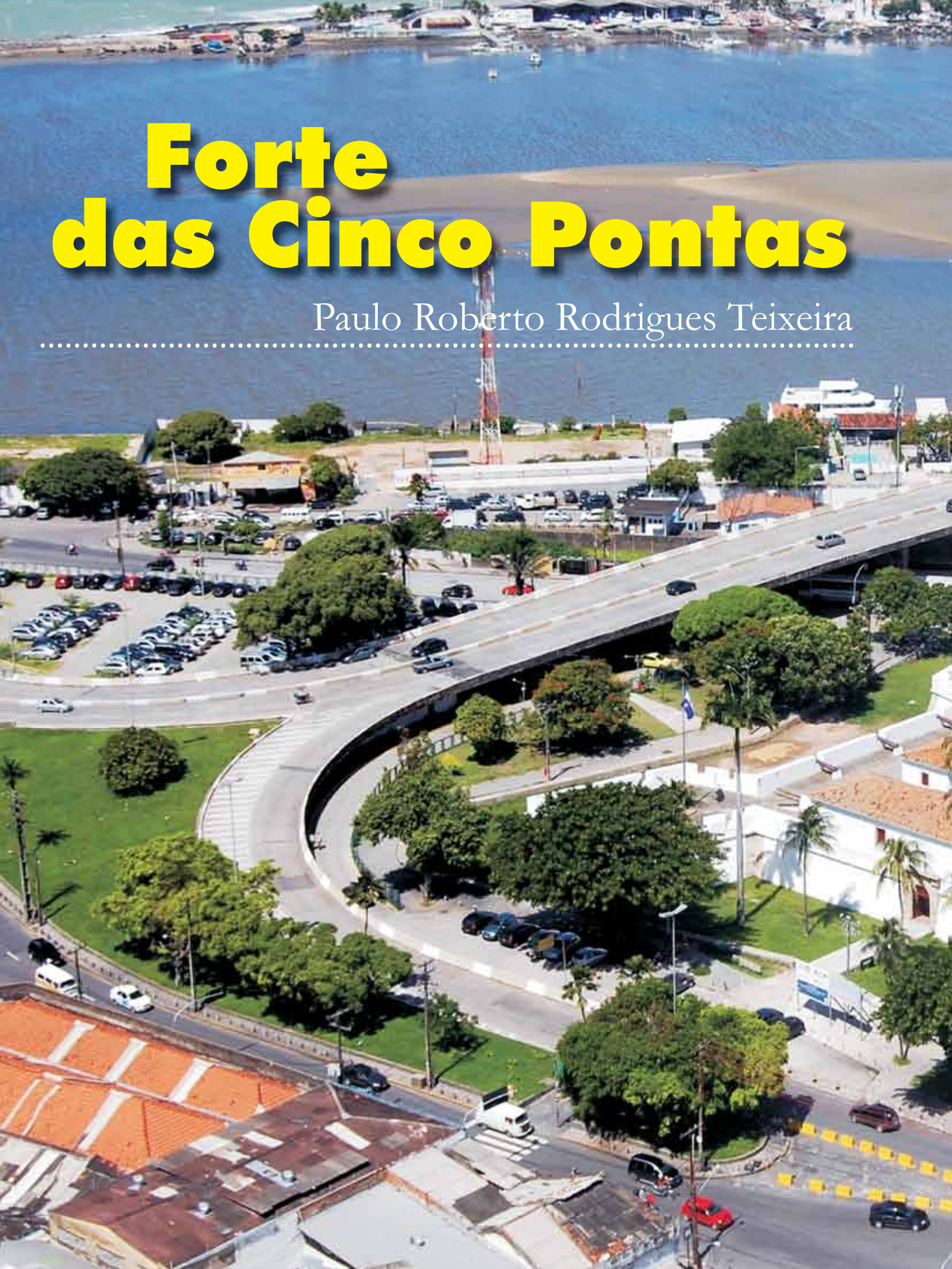


# Forte das Cinco Pontas

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

---



**“O Forte Frederik Hendrik, chamado das Cinco Pontas, tem cinco baluartes regulares. Está situado em uma ponta na ilha de Antônio Vaz, no Bairro de Santo Antônio, de onde se descobrem totalmente os navios surtos no porto de Recife, e por isto serve este forte para a defesa do mesmo porto. Acha-se edificado sobre um solo alto, que é o único caminho que poderia proporcionar ao inimigo o ensejo de aproximar-se do grande alojamento de Antônio Vaz, e protege também as cacimbas, as únicas que podem fornecer água do Recife e Antônio Vaz em ocasião de necessidade e cerco.”**

14 de janeiro de 1638  
Maurício de Nassau



# Forte das Cinco Pontas

Mapa antigo da planta do Forte



O Forte de São Tiago das Cinco Pontas foi construído pelos holandeses em 1630 e está localizado no tradicional bairro de São José, em Recife, no Estado de Pernambuco.

Foi a última construção dos holandeses em Recife e a arquitetura colonial que ostenta impressiona até hoje por sua beleza e austeridade, de que destacamos as muralhas e os baluartes.

Sua edificação foi realizada por determinação do príncipe de Orange, Frederik Hendrik, teve como idealizador o comandante Teodoro Weerdemburg e foi chamado inicialmente de Forte Frederico Henrique.

O terreno era alto e dominava o porto de Recife. O material usado foi a taipa para aproveitar a matéria prima local.

Tratava-se de um forte de forma pentagonal com seus baluartes, daí haver recebido esse nome. Dispunha de um fosso largo e uma forte contraescarpa. Diante dele havia um hornaveque (obra de fortificação avançada, composta de dois meios baluartes, ligados por uma cortina) e, em frente a ele, um hornaveque mais leve, cobrindo os terrenos altos. Era artilhado com 8 canhões de bronze.

Entre os séculos XVII ao XVIII, passou a ser chamado de Forte de São Tiago, mas

também era conhecido como forte das cacimbas, pela importância que detinha estrategicamente, uma vez que existia uma escassez de água potável no local e era dali que provinha o abastecimento dos habitantes da cidade e da guarnição do forte.

Tinha como missão impedir que barcos inimigos penetrassem pelas baixas do Rio Capiberibe em direção ao sul de Recife, rumos utilizados quando invasores se deslocavam em busca do açúcar, cuja rota era balizada por uma passagem nos arrecifes chamada “Barretas dos Afogados”.

Nessa época, o forte achava-se artilhado com dezesseis peças de diferentes calibres.

Quando já sob o domínio dos portugueses, o forte foi reconstruído em alvenaria de pedra e cal a partir de 1684, pelo engenheiro militar Francisco Correia Pinto, oportunidade em que perdeu um dos baluartes, passando a ter forma quadrangular que até hoje apresenta.

Dispõe de dois pavimentos, aí se incluindo as dependências do aquartelamento da tropa, a casa do comando, a casa da pólvora e instalações outras, dispostas em torno do terrapleno, ao abrigo das muralhas, e com um túnel oculto, planejado para fuga, em caso de invasão. As muralhas se apresentam recortadas nos pontos em que aparecem alguns dos antigos canhões de bronze.

# História

A ocupação do Nordeste pelos holandeses durou 24 anos, iniciando-se em 1630 e encerrando a sua vigência com a rendição, em 1654, posteriormente à primeira derrota na Batalha de Guararapes, em 19 de abril de 1648.

O primeiro período dessa ocupação compreendeu a invasão, a conquista de Pernambuco e a expansão do território conquistado. Deu-se de 1630 a 1631, época em que foi construído o Forte das Cinco Pontas.

A Capitania de Pernambuco constituía

o maior centro produtor de açúcar do Brasil. Por se tratar de uma capitania de propriedade particular e não real, não era fortificada a ponto de conseguir deter os invasores.

Nesse período, houve resistência por parte de Matias de Albuquerque, neto de Duarte Coelho, governador da Capitania, todavia, os holandeses a suplantaram por se acharem mais bem aparelhados.

Matias de Albuquerque deslocou-se para o interior; continuou, porém, atuando contra o invasor. Fundou vários núcleos de resistência, realizou incursões, emboscadas e atos de guerrilha, retardando com isso a expansão do domínio territorial holandês.



Matias de Albuquerque

Maurício de Nassau chegou em 23 de janeiro de 1637, com a missão de consolidar a expansão do domínio batavo. Sua administração duraria sete anos durante os quais deteria o título de “Governador, Capitão e Almirante-General das terras conquistadas ou a conquistar no Brasil”. Foi

um excelente administrador. O período em que permaneceu no Nordeste constituiu-se na fase áurea do domínio holandês. Sua visão política de estadista o levava a pensar na implantação de uma “Nova Holanda” no Brasil. Procurou planejar a recuperação econômica de Per-



Maurício de Nassau

nambuco e atrair os luso-brasileiros para a sua cultura, sem cometer violências e dentro de um clima de grande tolerância religiosa. Em 22 de maio de 1644, retornaria para a Europa e com o término de sua administração, começava o declínio do domínio holandês.

Os senhores de engenho aliaram-se aos colonos, escravos e índios quando perceberam que a permanência dos holandeses no Brasil não mais oferecia vantagens. Em 1645, tinham início as batalhas que culminariam com a expulsão dos holandeses, em 1654.

Em 19 de abril de 1648, irrompe a primeira batalha de Guararapes, a mais importante e mais vibrante contra os holandeses. O efetivo luso-brasileiro era a metade da força holandesa, mas, ao fim e ao cabo, alcançou a vitória.

Dessa luta participaram os três grupos étnicos formadores do povo brasileiro: os descendentes de europeus, de africanos e de ameríndios. Tal foi a importância do episódio que o 19 de abril passou a ser consagrado como o Dia do Exército, como se refere o coronel Aldo Demerval em seu livro didático *História do Brasil*.

“Os portugueses, os colonos nascidos no Brasil, os escravos africanos, os índios e os mestiços enfrentaram o poderoso Exército Holandês; lutaram ombro a ombro e impuseram-lhe reconhecida derrota e retirada em 1654. A nacionalidade brasileira aflorou forte contra os invasores!

As memoráveis colinas de Guararapes transformaram-se em berço do Exército Brasileiro que, em homenagem aos bravos combatentes, escolheu o dia 19 de abril como Dia do Exército.”

O forte foi o último sítio a ser conquistado pelas tropas luso-brasileiras e nele foram elaborados os termos da rendição das tropas neerlandesas. A 28 de janeiro de 1654, na Campina do Taborda, o general Francisco Barreto de Menezes recebeu oficialmente os termos da capitulação, quando foram estipuladas as condições da retirada definitiva dos holandeses de Pernambuco.

O último nome do forte, o de São Tiago das Cinco Pontas, se deveu por haver, em seu interior, uma pequena capela dedicada a um de seus santos padroeiros; posteriormente, o forte seria transformado em quartel e prisão.

Ao lado do forte há um histórico paredão onde, em 13 de janeiro de 1825, foi morto a tiros o carmelita Frei Caneca. Tal paredão ficava junto à forca, onde deveria morrer o célebre mártir pernambucano.

Primeira Batalha de Guararapes



Detalhe do quadro de Victor Meirelles de Lima (1832-1903)



Frei Caneca e a placa com mensagem alusiva à sua morte

No início do Século XX, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano mandou colocar uma lápide em mármore onde Frei Caneca foi morto, contendo em resumo os seguintes dizeres:

**Neste largo foi espingardeado  
junto à forca, a 13 de janeiro de 1825  
por não haver réo que se prestasse  
a garroteá-lo o Patriota.**

Homenagem do Instituto  
Archeologico e Geographico  
2-7-1917 Pernambuco



Graciliano Ramos

Outro prisioneiro famoso foi o escritor Graciliano Ramos que, retratando a realidade do Nordeste de então, escreveu, em 1935, as suas “Memórias do Cárcere”.

O forte foi também sede da SEPLAN, da Presidência da República, até o ano de 1981.

À época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) serviu de aquartelamento ao 31º Batalhão de Caçadores. Depois desse período, ocupou as suas instalações o 7º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado.

No dia 14 de dezembro de 1982, o então prefeito, Gustavo Krause, transformou o Forte das Cinco Pontas no Museu da Cidade de Recife, que viria a se notabilizar pela riqueza e autenticidade de seu acervo.



Foto aérea do Forte quando quartel, de 1939 a 1945



Foto antiga no início do século XX

# Museu da Cidade de Recife



Pórtico de  
entrada

Tela de Franz Post.  
Ao fundo, o Forte  
Frederick Hendrik,  
1640.



O museu destaca-se por conter documentos iconográficos preciosos que contribuem para a preservação da memória social e da história urbana de Recife.

São 150 mil imagens e peças provenientes das antigas residências e da igreja do Senhor do Bom Jesus do Martírio, já demolida; além das 1300 peças arqueológicas, o museu acolheu 21 mil fotografias, que incluem raros negativos em vidro e gravuras de Pernambuco e também uma variedade muito grande de mapas e plantas. Registre-se ainda uma rica biblioteca à disposição do visitante, em que pesquisadores e historiadores buscam informações para a elaboração de trabalhos acadêmicos, documentos históricos, livros, reportagens e pesquisas.

O museu abriga reproduções do artista plástico Franz Post que mostra o cotidiano da cidade e do povo durante o domínio holandês, com belíssimas gravuras retratando cenários seiscentistas da vida da cidade.



Franz Post

Possui um auditório onde se realizam palestras culturais, seminários, fóruns, debates e simpósios.

Existe uma sala para a realização de exposições temporárias, complementando o cenário cultural do museu.

Salões destinados a exposições temporárias





# Encerramento

As muralhas e os canhões seculares, contrastando com a modernidade



Enquanto perdurou o domínio dos holandeses e até a sua expulsão em 1654, o Forte das Cinco Pontas, construído pelos holandeses em 1630, sofreu incursões constantes dos luso-brasileiros, que conseguiram retardar a expansão territorial pretendida pelo invasor.

Maurício de Nassau destacou-se pela gestão político-militar-administrativa da região conquistada, que em seu governo se expandiu ao longo dos sete anos neerlandeses em busca, principalmente, da constituição da “Nova Holanda”.

Foi, enfim, o último reduto de defesa dos invasores.

Expulsos os holandeses, os luso-brasileiros iniciaram a restauração do forte, transformando os cinco baluartes em quatro. Apesar disso, continuou a ser popularmente chamado de Forte das Cinco Pontas.

Quando já sob o comando do Exército, foi ocupado como aquartelamento do 31º Batalhão de Caçadores





Acima, muralha externa e saída do túnel de fuga



Ao lado, Pavilhão do Cmt do Forte, atualmente instalações da administração

e posteriormente do 7º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado.

Com a criação do Museu da Cidade de Recife e devido ao significado da memória social contida no seu precioso acervo, eventos culturais passaram a ser realizados em suas instalações, transformando-se em um Centro Cultural, que atrai muitos visitantes, nacionais e estrangeiros, cientistas sociais, historiadores, pesquisadores em busca da memória coletiva que ali se contém. Essa frequência de visitas já alcança hoje cerca de 20 mil visitantes/ano.

Acima de tudo, não passa despercebido que todos, ou mesmo muitos que o visitam são tomados pela emoção exalada daqueles chãos e paredes que constroem uma impressionante história de patriotismo e bravura de homens que se mostraram brasileiros antes mesmo de o Brasil existir independente e formalmente.

.....  
**PAULO ROBERTO RODRIGUES TEIXEIRA**  
Coronel de Infantaria e Estado-Maior,  
é natural do Rio de Janeiro. Tem o curso de  
Estado-Maior e da Escola Superior de Guerra.  
Atualmente é assessor da FUNCEB e redator-  
chefe da Revista DaCultura.



Canhões em posição de frente para o mar



Pátio interno.  
Ao fundo as instalações do Cmt e o xadrez



Um dos baluartes mobiliado pelos canhões



Administrado atualmente pela Prefeitura Municipal de Recife, foi restaurado a partir de 1979 e aberto ao público em 1982.

**Horário de visitação:**

**Segunda a sexta** - das 9h às 17h  
**Sábados e domingos** - das 13h às 17h